

AULA 04 — A Redenção de Cam

ROTEIRO DE AULA · leitura do professor

UC8 – Narrativas de Identidade e Nação · 2^{os} anos A, B, C, D e E · 90 minutos · Prof. Ulysses Cesar

Item	Detalhe
Duração	90 minutos (2 aulas geminadas)
Material	Handout AULA 04 – A Redenção de Cam e versão adaptada
Preparar antes	Projetar ou imprimir a imagem do quadro A Redenção de Cam, de Modesto Brocos (1895), acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Não revelar o título antes da hora indicada no roteiro.
No quadro	Escrever apenas: 1890 · 1895 · 1911 · 1945
Objetivo	Que o estudante leia uma imagem como documento e reconheça o branqueamento como política de Estado, e não como preconceito difuso
Recolher	Bloco 2 da Aula 03

COMO USAR ESTE ROTEIRO

Os textos em corpo grande são para ler em voz alta — pode ler literalmente ou parafrasear.

As caixas coloridas NÃO são para ler: são instruções para você.

Os tempos são referência, não obrigação. Se a turma render, aprofunde; se travar, corte pelo que está marcado como opcional ao final.

00 – 15 min · ABERTURA · Descrever antes de interpretar

AÇÃO

Recolha o Bloco 2 da Aula 03. Projete ou distribua a imagem SEM o título. Este é o ponto central da aula: eles precisam descrever antes de saber o nome do quadro.

Hoje a gente muda de documento. Nas aulas anteriores lemos romances e leis. Hoje o documento é uma pintura.

E eu quero começar de um jeito específico. Antes de qualquer interpretação, vamos descrever. Descrever é dizer o que está lá. Interpretar é dizer o que significa. São coisas diferentes, e misturar as duas é o erro que mais derruba nota em prova de interpretação.

PERGUNTE À TURMA

O que vocês estão vendo? Só o que está lá. Quantas pessoas? Onde? O que cada uma está fazendo?

PAUSE E ESCUTE

Conduza a descrição com paciência. Anote no quadro o que eles disserem. Vá perguntando: quem está de pé? quem está sentado? o que a mulher mais velha está fazendo com os braços?

Vamos organizar. Quatro pessoas num quintal simples. À esquerda, uma mulher negra idosa, de pé, braços erguidos para o céu. Sentada, uma mulher parda com um bebê no colo. Ao lado, sentado, um homem branco olhando a criança.

PERGUNTE À TURMA

Agora reparem numa coisa. Comparem a cor da pele das três gerações, da esquerda para a direita. O que vocês percebem?

PAUSE E ESCUTE

Deixe eles chegarem sozinhos: a avó é a mais escura, a mãe é intermediária, o bebê é o mais claro. Não diga você. Se demorar, pergunte: qual é a mais escura? e a mais clara?

ESCREVA NO QUADRO

Escreva em linha: AVÓ NEGRA → MÃE PARDA → NETO BRANCO. Do lado, desenhe uma seta apontando para a direita.

Três gerações, organizadas da esquerda para a direita, do mais escuro para o mais claro. E, no começo dessa linha, uma mulher com os braços erguidos, agradecendo.

15 – 25 min · A PERGUNTA QUE ABRE O QUADRO

PERGUNTE À TURMA

Por que ela está agradecendo?

PAUSE E ESCUTE

Deixe o silêncio trabalhar. Alguém vai dizer. Se ninguém disser, pergunte: o que aconteceu de bom nessa família, segundo o quadro?

Ela está agradecendo porque o neto nasceu branco.

PAUSE E ESCUTE

Pause. Deixe assentar antes de continuar. Este é o momento em que a turma costuma ficar em silêncio, e o silêncio aqui é bom.

Agora reparem no que o quadro fez sem escrever uma palavra. Ele organizou três gerações numa linha, do mais escuro ao mais claro, e colocou o gesto de gratidão no começo dessa linha. A composição é o argumento.

E é isso que a gente vai treinar o semestre inteiro: uma imagem defende uma tese. Ela só não escreve a tese — deixa você concluir sozinho. E quem conclui sozinho resiste menos.

AÇÃO

Só agora revele o título.

O nome do quadro é A Redenção de Cam. Foi pintado por Modesto Brocos em 1895.

ESCREVA NO QUADRO

Escreva: A REDENÇÃO DE CAM — Modesto Brocos, 1895

25 – 38 min · O TÍTULO ENTREGA O RESTO

PERGUNTE À TURMA

O que quer dizer redenção? Alguém arrisca?

PAUSE E ESCUTE

Vão chegar em salvação, resgate, perdão. Todas servem.

Redimir é resgatar, salvar, livrar de uma condenação. Guardem isso: para haver redenção, precisa haver antes uma condenação.

CURIOSIDADE PARA CONTAR · DE ONDE VEM O NOME CAM

Vem de uma passagem do livro do Gênesis. Na narrativa, Noé amaldiçoa a descendência de seu filho Cam, condenando-a à servidão. Durante séculos essa passagem foi distorcida e usada para justificar religiosamente a escravização de povos africanos. É uma leitura que não tem base no texto e que a própria teologia contemporânea rejeita — mas circulou por muito tempo e funcionou.

Então juntem as duas coisas. A suposta maldição é ser negro. A redenção é deixar de ser. E o meio dessa salvação, no quadro, é o nascimento de uma criança branca.

PERGUNTE À TURMA

Traduzindo o título para uma frase direta: o que ele está dizendo?

PAUSE E ESCUTE

Conduza até: ser negro é a condenação, deixar de ser é a salvação. Deixe que eles formulem — a frase dita por eles pesa mais do que dita por você.

Não tem como suavizar essa leitura. E é exatamente por isso que essa obra é um documento tão valioso: ela diz, sem constrangimento nenhum, o que a elite brasileira pensava em 1895.

38 – 52 min · ISSO NÃO ERA OPINIÃO DE UM PINTOR

Agora eu preciso que vocês entendam a parte mais importante da aula. Isso não era a opinião isolada de um artista. Era uma teoria com nome, e essa teoria orientou decisões de Estado.

ESCREVA NO QUADRO

Escreva: BRANQUEAMENTO

A ideia era a seguinte: o Brasil resolveria seus problemas ao tornar sua população progressivamente mais branca, por meio da mistura e da imigração europeia. Isso parte de duas premissas racistas: que existem raças superiores e inferiores, e que o país seria atrasado por causa da composição da sua população.

CURIOSIDADE PARA CONTAR · O QUADRO FOI PARA LONDRES

Em 1911, o médico brasileiro João Batista de Lacerda representou o Brasil no Congresso Universal das Raças, em Londres. Ele apresentou a previsão de que o Brasil seria majoritariamente branco em cerca de um século. E levou consigo, como ilustração da tese, justamente A Redenção de Cam. A pintura foi material de delegação oficial brasileira em conferência internacional.

PAUSE E ESCUTE

Deixe essa informação assentar. Uma obra de arte usada como prova científica em congresso internacional é o tipo de fato que a turma não esquece.

Arte, ciência e política de Estado no mesmo gesto. Reparem que a gente já viu isso antes: na Aula 2, o Instituto Histórico e Geográfico premiou um trabalho sobre como escrever a história do Brasil. É a mesma lógica — a identidade nacional sendo encomendada, premiada e exportada.

LIGAÇÃO · SOCIOLOGIA · O RACISMO CIENTÍFICO

Vale nomear: no fim do século XIX, teorias hoje inteiramente refutadas mediam crânios, comparavam ângulos faciais e classificavam povos em escalas. Isso era ensinado em faculdades de medicina e de direito. A lição metodológica é forte: dizer que algo é científico não o torna verdadeiro. Ciência é método sujeito a erro, revisão e — como neste caso — a interesses políticos. E foi a própria ciência, com a genética do século XX, que derrubou isso.

52 – 65 min · O QUE A NORMA FAZIA

E agora a pergunta de sempre nesta trilha. Se isso fosse só conversa de salão, não deixaria rastro jurídico. Deixou?

AÇÃO

Aponte para as datas no quadro: 1890 · 1895 · 1911 · 1945.

Mil oitocentos e noventa. Dois anos depois da abolição. Sai o Decreto número 528, que disciplina a entrada de imigrantes e estabelece restrição expressa à imigração de pessoas da África e da Ásia, que passaria a depender de autorização do Congresso. A imigração europeia, ao contrário, era livre e incentivada.

PERGUNTE À TURMA

Dois anos depois da abolição. Vocês veem a ligação?

PAUSE E ESCUTE

Conduza: acabou a escravidão, e o Estado escolheu por decreto quem seria estimulado a entrar e quem seria filtrado, usando a origem como critério.

Agora olhem a última data. Mil novecentos e quarenta e cinco.

PERGUNTE À TURMA

O que aconteceu no mundo em 1945?

PAUSE E ESCUTE

Alguém vai dizer: fim da Segunda Guerra. Deixe eles dizerem.

Exatamente. O ano em que o mundo tomava conhecimento do desfecho das políticas raciais do nazismo. Naquele mesmo ano, o Decreto-Lei número 7.967 ainda dispunha que a admissão de

imigrantes deveria atender à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características de sua ascendência europeia.

PAUSE E ESCUTE

Pause de novo. A data é o argumento.

Então somem as peças: uma pintura em 1895, uma previsão científica oficial em 1911 e normas de seleção de imigrantes de 1890 a 1945. Não é clima de época difuso. É projeto com documento.

65 – 80 min · O QUE O ESTADO ESCOLHEU NÃO FAZER

Falta uma última peça, e é a que mais me interessa como advogado. Além do que foi feito, é preciso olhar o que NÃO foi feito.

ESCREVA NO QUADRO

Divida o quadro em duas colunas: O QUE FOI FINANCIADO / O QUE NÃO FOI FINANCIADO

PERGUNTE À TURMA

Entre 1888 e 1930, o Estado brasileiro gastou dinheiro público com quê, no que diz respeito a trabalhadores?

PAUSE E ESCUTE

Conduza: passagens de imigrantes europeus, núcleos coloniais, propaganda do país na Europa. Vá preenchendo a coluna da esquerda.

PERGUNTE À TURMA

E para a população que acabou de sair da escravidão? O que foi financiado?

PAUSE E ESCUTE

Deixe o silêncio responder. Depois preencha a coluna da direita com: acesso à terra, escolas, crédito, moradia — todos vazios.

As duas colunas pertencem ao mesmo orçamento e ao mesmo governo. E é isso que responde ao argumento de que naquela época todo mundo pensava assim.

Pensar é uma coisa. Alocar orçamento público é outra. O branqueamento não ficou na cabeça das pessoas: apareceu na peça orçamentária e no diário oficial.

AÇÃO

Organize as duplas e explique a divisão do handout: Bloco 1 e questões 1 a 5 agora; Bloco 2 e questões 6 a 8 em casa.

AÇÃO

Circule. Na questão 1, cobre a descrição sem interpretação — é onde a maioria escorrega, porque quer logo dizer o que significa.

80 – 90 min · FECHAMENTO

Antes de encerrar, quero deixar uma comparação que vocês vão desenvolver em casa.

Enquanto o Brasil apostava na mistura que embranquece, os Estados Unidos faziam o oposto exato: proibiam a mistura por lei e classificavam rigidamente as pessoas. Lá existia a chamada regra de uma gota — qualquer ascendência africana conhecida bastava para classificar alguém como negro.

PERGUNTE À TURMA

Duas estratégias opostas. O que elas têm em comum?

PAUSE E ESCUTE

Deixe eles chegarem: as duas partem da ideia de que ser branco vale mais.

Isso mesmo. O Brasil prometia diluir a população negra. Os Estados Unidos a mantinham separada e identificada. E nenhum dos dois países cogitou a terceira possibilidade, que seria simplesmente tratar as pessoas como iguais.

Uma última coisa, e é sobre hoje. Aquela ideia de 1895 não morreu com um decreto revogador. Ela sobrevive no vocabulário: quando alguém diz que um cabelo precisa ser arrumado, que uma pessoa tem traços finos, que um casamento melhorou a família. São frases correntes que carregam a lógica daquele quadro.

Reconhecer isso não serve para acusar quem repete a frase. Serve para entender de onde ela vem. Uma ideia que foi política de Estado por décadas não desaparece porque a lei mudou.

AÇÃO

Lembre do Bloco 2. Registre no diário quem recebeu material adaptado e colha o recibo de forma reservada.

APOIO DO PROFESSOR

Se a turma perguntar (respostas prontas)

— Professor, mas o pintor era racista?

A pergunta desloca o foco. A gente não está julgando a alma do Modesto Brocos: está analisando o que a obra estabelece e a quem ela serviu. O fato decisivo não é a intenção dele — é que a pintura foi levada a um congresso internacional como ilustração de uma tese demográfica oficial.

— Então miscigenação é ruim?

Não é isso. A mistura aconteceu e é um fato da nossa formação. O que se critica é a IDEOLOGIA que transformou a mistura em projeto de eliminação de uma parte da população. Uma coisa é o fato histórico; outra é a política que o instrumentalizou.

— Isso não é exagero? Um decreto de 1890 é muito antigo.

É, mas o de 1945 não é tão antigo assim. E os efeitos não terminam com a revogação da norma: a estrutura de renda, escolaridade e propriedade construída nesse período é a que a gente herda. Vamos ver isso com dados no quarto bimestre.

— Por que a gente nunca viu esse quadro na escola?

Ótima pergunta, e ela é parte da matéria. Lembrem da Aula 1: currículo é escolha sobre o que o país conta de si mesmo. Este quadro está em museu público desde sempre — o que mudou foi a decisão de ensiná-lo.

Se faltar tempo, corte nesta ordem

1. A ligação com o racismo científico e Nina Rodrigues.
2. O detalhe do Congresso Universal das Raças, mantendo apenas a menção a 1911.
3. A comparação com os Estados Unidos e a regra de uma gota — está no Bloco 2 de qualquer forma.
4. Reduza o exercício das duas colunas a uma lista oral, sem escrever no quadro.

Se sobrar tempo

- Peça que a turma procure, em silêncio, imagens de propaganda atual e identifique quem aparece em que papel. Conecta 1895 com hoje sem que você precise afirmar nada.
- Leia em voz alta o trecho do Decreto-Lei nº 7.967/1945 e peça que identifiquem a palavra-chave. Encontrar sozinho a expressão "ascendência europeia" tem efeito forte.
- Discuta: se o quadro está em museu público, ele deveria ser exposto? Com que legenda? É uma boa entrada para a discussão sobre memória e patrimônio.

Lembretes de inclusão

- Entregue a versão adaptada de forma reservada, sem anúncio à turma.
- Para estudantes com DI, a descrição da imagem funciona muito bem: é tarefa concreta, visual e sem exigência de abstração inicial. Convide-os nominalmente a contribuir na fase de descrição.
- Para estudantes com TEA, avise que haverá uma imagem projetada e antecipe o conteúdo dela; e evite ironia ao comentar o quadro, porque há muita fala irônica possível aqui.
- Para estudantes com TDAH, esta aula tem seis viradas de bloco e uma imagem central — use a imagem como âncora sempre que perceber dispersão.

- ATENÇÃO: esta aula pode mobilizar emocionalmente estudantes negros da turma. Conduza sem pedir que ninguém fale de si, e não direcione perguntas a estudantes específicos por causa da cor.
- Colha a assinatura do recibo e registre no Diário conforme a Resolução nº 1/2017 – CEDF.